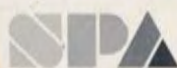


ANTÓNIO TORRADO



TEATRO
DO
lêncio

ÍCIOS DRAMÁTICOS EM 1 ACTO



SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES

821.134.3
TOR, A

ANTÓNIO TORRADO

TEATRO DO SILÊNCIO

5 exercícios dramáticos em
1 acto



94-03-03

Repertório da Sociedade Portuguesa de Autores
2ª Série

© António Torrado e S.P.A.

Tiragem: 1500 exemplares

Depósito Legal, N.º 7179

Capa e arranjo gráfico: César Veloso

Fotografia da contra-capas: Manuel Ricardo

Edição: S.P.A. — Avenida Duque de Loulé, 31 — Lisboa

Primeira Edição — Abril 1988

Composição e Impressão: IMPRESSE 4

Distribuição: CDL — Central Distribuidora Livreira

AS LIGAÇÕES

Peça em um acto para audio-visuais
e uma personagem secundária

NOTA PRÉVIA À ACÇÃO

Nesta peça, as rubricas tão exaustivamente pormenorizadas são o conflito. Todos os elementos atraídos à acção por quem os manipula e a condensa desempenham os seus papéis sem subalternidade. Dialogando uns com os outros, dialogando com o agente que os acciona, dialogando com o passado, como intérpretes privilegiados da memória, os aparelhos e materiais áudio-visuais em jogo são os actores, o coro que comenta e instiga, que questiona e intriga. Eles sustentam a peça.

O desencadeador da acção, o homem sozinho que mudamente deambula pelo quarto, sofre-a mais do que a anima. Ele sabe-se irremediavelmente uma personagem secundária, mero suporte coadjuvante de uma acção que o ultrapassou, inexpressivo agente ou operador de áudio-visuais, que já nada mais têm para registar.

CENA

Na penumbra, um quarto-sala um tanto desalinhado. Estantes e um estirador. Um pequeno écran ao fundo. Móveis soltos. Num sofá-cama está deitado um homem de, aproximadamente, 35 anos. Estendido na cama, cabeça apoiada nas mãos cruzadas atrás da nuca, é visível que não está a dormir. Sobre a mesa de cabeceira, onde um candeeiro de luz fraca ilumina a cena, livros e cinzeiro com o resto de um cigarro a arder. No chão, junto à cama, revistas, jornais e um livro aberto.

ACÇÃO

Nada se passa, durante o espaço de tempo necessário à pormenorizada «leitura» da cena pelos espectadores.

O homem soergue-se e apaga o cigarro no cinzeiro. Fica sentado na cama. Afasta os lençóis e levanta-se. Está com um pijama de peças desirmanadas. Consulta o relógio de pulso sobre a mesa de cabeceira. Dá-lhe corda. De chinelos, passeia pelo quarto, aparentemente sem fito certo.

Acaba por dirigir-se a uma mesinha, onde está um projector de diapositivos. Confere os diapositivos no carregador. Acende o projector que ilumina o écran. Vai buscar uma cadeira de braços e, colocado de forma a que o público veja a projecção, senta-se confortavelmente.

Lembra-se, entretanto, de ir buscar o maço de cigarros e o cinzeiro sobre a mesa de cabeceira. Acende um cigarro. Regula o projector com a mão que tem o cigarro aceso. A sombra do fumo do cigarro projecta-se no écran. Ele dá conta disso e deliberadamente deixa o cinzeiro com o cigarro aceso junto ao foco de luz. Deixa-se ficar a observar.

As sombras voláteis sobre o écran sugestionam-no. Para as captar melhor, vai apagar a luz do candeeiro da mesinha de cabeceira. As consequências não são particularmente sensíveis e ele desinteressa-se. Apaga o cigarro.

Senta-se de novo na cadeira de braços e prime o botão do comando do projector. Projecta-se o primeiro slide. Uma paisagem de férias à beira-mar (Portinho da Arrábida, por exemplo). Paisagem sem desempenho humano explícito. Os referentes só serão óbvios para o homem, que longamente contempla a paisagem.

Num gesto de impaciência, levanta-se. Procura o relógio. Vai à mesa de cabeceira e acende a luz. Consulta o relógio. Precipita-se para a mesinha do telefone e disca um número. Aguarda. Vai desistir. Aguarda mais um tempo. Desliga.

Disca de novo. Aguarda menos tempo do que há pouco e desliga. Chega-se à mesa do projector e apaga-o. Fica apenas acesa a luz do candeeiro da mesinha de cabeceira. No meio do quarto, desamparado, o homem olha em volta, sem se decidir.

De pé, acende de novo o projector. A mesma imagem de há pouco. Não se detém nela. Procura o botão do projector e sucedem-se imagens a um ritmo, que não consente apreciação. Percebe-se que são imagens do mesmo período da primeira: paisagens marítimas, barcos, pescadores, arribas, etc. Repentinamente, uma imagem invertida, (de «pernas para o ar»). É a fotografia de uma mulher. O homem volta atrás, premindo o botão do comando. Acerta o slide no carregador e volta a projectá-lo. É uma fotografia de uma mulher, sobre o fundo de paisagem idêntica às anteriores fotografias: mulher ainda jovem, sorridente, razoavelmente bonita e expressiva. Mantém-se a imagem no écran.

O homem vai à prateleira, escolhe um disco e põe-o no gira-discos. Liga o gira-discos. O clima sonoro é perceptivelmente evocativo pelos passos um pouco mais soltos, que por momentos, o homem dá pela sala. Note-se, porém, que não chega a rodopiar ou a dançar. Pára. Vai buscar uma bebida. Enche um copo. Senta-se na cadeira. Contempla a imagem. Acciona o comando para trás e projecta-se uma das imagens anónimas. Acciona para a frente e projecta-se de novo o rosto da mulher.

Contempla-a. A luz da mesinha de cabeceira incomoda-o. Levanta-se e apaga-a. Regressa à contemplação. Vai ao carregador e tira todos os slides anteriores. Movimenta o carregador de forma a voltar ao início. Depois vai premindo o botão e, em intervalos regulares, ritmados pelos batimentos do carregador, projecta-se luz, intervalada de escuro, luz, mais luz, mais luz, sucessivamente, cegamente, até, como que de surpresa, a imagem da mulher surgir no écran.

Algun tempo de exposição. Brutalmente, o homem corta a luz do projector. Escuro total. Disco continua a rodar. Percebe-se que o homem se levanta. Acende a luz de cima, que ilumina desoladoramente todo o aposento. Apaga o gira-discos. Consulta o relógio e marca um número no telefone. Aguarda. Acende um cigarro. Desiste. Acende a telefonia. (Gravação de um qualquer programa radiofónico nocturno de música, banalidades e anúncios). Vai à estante e procura uma cassette. Puxa uma mesinha onde está o gravador-telefonia. Aproxima-o da mesa do projector. Senta-se na cadeira de braços. (A telefonia anuncia, entretanto, que faltam 20 minutos para a meia-noite ou algo de aproximado. Não vale a pena fazer montagem sonora. Grava-se o que houver e se adequar, numa margem de tempo entre as 23 e 30 e a meia-noite.)

Aplica a cassette. Acende o projector. Desliga a luz geral. Imagem da mulher. Regula e liga o automático do projector. Sucedem-se imagens a cadência certa, com um equilibrado tempo de exposição. Imagens dela, imagens de férias, de situações de férias. Ele surgirá fotografado e sozinho apenas em duas fotografias. Quase constantemente ela, nem sempre com fotogenia. Algumas fotografias de enfado, algo indulgente.

Simultaneamente, com as primeiras imagens projectadas, ele desliga a telefonia e liga o gravador. Abre o livro numa página marcada.

Gravação:

VOZ FEMININA: Luís, posso...

(Lendo, com serenidade)

Legenda:

As palavras erguem-se
à altura do vento

e delas nasce a nuvem
do nosso pensamento.

E a nuvem vai ou fica
— fenece.
Só o amor existe
e aquece.

(Lendo meticulosamente:) João Rui de Sousa — Circula-
ção, 1960.

(Fundo musical: o disco já ouvido)

*(O homem folheia o livro e procura e encontra outra
página).*

*(Esmorece o interlúdio musical e, de novo, a voz femi-
nina numa leitura correcta, mas sem empenhamento).*

Urgentemente:

É urgente o amor.

É urgente um barco no mar.

É urgente destruir certas palavras,
ódio, solidão e crueldade,
alguns lamentos,
muitas espadas.

É urgente inventar alegria,
multiplicar os beijos, as searas;
é urgente descobrir rosas e rios
e manhãs claras.

Cai o silêncio nos ombros e a luz
impura, até doer.

É urgente o amor, é urgente
permanecer.

Eugénio de Andrade — Poemas, 1965

(Ruído de interrupção da gravação e, logo de seguida,